
NOTAS E COMENTÁRIOS

Persp. Teol. 19 (1987) 367-376

A SITUAÇÃO DA TEOLOGIA NO BRASIL HOJE*

Mário de França Miranda S.J.

Pretender descrever as correntes, os estudos e as discussões em curso nos mais variados setores da teologia, dentro de um curto espaço de tempo, só é possível, se renunciarmos, de antemão, a uma abordagem do tema completa nos dados e exaustiva em seu tratamento. Deste modo, esta exposição constitui uma simples visão panorâmica da teologia, sobretudo em nosso país, refletindo a ótica e as limitações de seu autor.

Começaremos examinando brevemente os fatores responsáveis pela situação teológica atual; esta será estudada a partir de dois eixos que explicam, a nosso ver, suas características primárias e suas problemáticas dominantes: o eixo de onde nasce esta reflexão, a saber, a vida concreta da sociedade, da Igreja e do cristão, e o eixo da preocupação prioritária desta reflexão, a saber, o homem empobrecido, em suas mais variadas formas. Finalizaremos mencionando uma tarefa fundamental da teologia hoje.

I. PANORÂMICA GERAL DA TEOLOGIA HOJE

De fato, um olhar para a história é imprescindível se quisermos compreender a produção e a problemática teológica no mundo e em nosso país. Tudo começou com o Concílio Vaticano II ao retomar o diálogo com o mundo; assim fazendo jogou sobre os ombros da teologia a ingente tarefa de refletir, à luz da fé, sobre a realidade complexa e plural da sociedade moderna. Tal fato não só destronou ricas sistematizações do passado (pensemos na Neo-escolástica), mas trouxe ainda para dentro da teologia, até então tranqüila e uniforme, a turbulência do plu-

* Palestra proferida, a pedido da Comissão Episcopal de Doutrina, na XXV Assembleia Geral da Conferência dos Bispos do Brasil. Itaici, 23 de abril a 1º de maio de 1987. Os títulos e subtítulos no interior do texto são da responsabilidade da redação (Ndr).

ralismo cultural reinante na sociedade. Com outras palavras, fez irromper para dentro da "sacra theologia" uma temática *múltipla*, responsável pelo nascimento das teologias do genitivo (teologia do progresso, da história, etc.) e principalmente forneceu-lhe uma pluralidade desconcertante de percepções e compreensões das respectivas temáticas, fruto de leituras diversas, parciais e, por vezes, irredutíveis da mesma realidade (GS 44).

Este novo contexto, incômodo e desafiante, da reflexão teológica sensibiliza, em maior ou menor proporção, os vários ramos da teologia transcendendo países e hemisférios. No *Primeiro Mundo* contudo os teólogos concentram-se principalmente em torno do impacto produzido na Igreja pela *modernidade*, marcada pela racionalidade técnico-científica, pelo valor da experiência, pela descoberta da subjetividade, pela secularização e pelo individualismo. Conseqüentemente a produção teológica viverá a forte tensão causada pela razão crítica e o respeito à liberdade de um lado, e a fidelidade à fé e à Igreja de outro; alguns tópicos desta problemática na *Europa*, a título de exemplo: a indiferença religiosa, a problematidade do discurso sobre Deus, a hermenêutica científica dos textos da Bíblia e do Magistério, o questionamento à Moral Fundamental e à Moral Sexual, a liberdade no interior da Igreja, etc. Nos *Estados Unidos* esta tensão se concentrou em torno de alguns pontos de ética sexual, em especial pela atitude pastoral de alguns membros da hierarquia com relação ao homossexualismo; pareceu ao Vaticano que tal atitude apoiava implicitamente organizações de homossexuais que se opunham, em seus princípios e metas de ação, à doutrina sexual da tradição católica; daí a intervenção da Santa Sé na diocese de Seattle (o bispo Hunthausen perde para seu auxiliar seus poderes no âmbito dos tribunais eclesiásticos matrimoniais, da liturgia, da formação clerical, dos padres reduzidos ao estado leigo e de questões de teologia moral) e na Universidade Católica de Washington (o teólogo Charles Curran perde sua "missio canonica" de professor).

No *Terceiro Mundo* pesa sobretudo o estigma comum do subdesenvolvimento com a dependência sócio-econômica dos países ricos, com a carência dos bens necessários à vida e com a revoltante massa de sofrimentos suportados pela imensa maioria da população. Este contexto comum da produção teológica não impedirá que esta se apresente diversificada. Na *Ásia* busca-se primeiramente, no diálogo com as grandes religiões, uma compreensão do cristianismo acessível às culturas milenares do continente; na *África* também a inculturação é a preocupação dominante, pelo repensamento da fé em matrizes culturais nativas, sem perder de vista a dramática situação social; na *América Latina*, por se tratar de um continente com tradição cultural cristã e ocidental, os me-

canismos estruturais de injustiça social, subdesenvolvimento e opressão ocupam o primeiro plano, e estimulam uma teologia que busca, à luz da fé, a transformação desta realidade anti-evangélica, embora se comece, ultimamente, a dar maior atenção também ao fator cultural.

Diante desta situação em nosso planeta podemos mais facilmente compreender as principais preocupações teológicas do Papa João Paulo II: de um lado animar e fomentar, em nome da fé, a luta pela enorme multidão dos empobrecidos no mundo atual; de outro, não permitir que a Igreja se contamine pelo secularismo, pelo hedonismo, pelo igualitarismo, manifestações diversas do individualismo, hoje dominante na sociedade.

II. A TEOLOGIA NO BRASIL

Depois deste rápido olhar sobre o cenário mundial, vejamos o que se passa no *Brasil*. Antes porém de iniciarmos esta breve e bem generalizada descrição do campo teológico em nosso país, impõe-se uma observação para prevenir conclusões falsas porque parciais. Realmente vamos nos deter na produção teológica mais criativa, que procura afrontar os desafios feitos à fé e à Igreja. Sabemos que ela não cobre tudo o que se divulga de teologia no Brasil. Estamos também conscientes de que a teologia ensinada nos seminários, nos institutos e nas faculdades, não se limita de modo algum a esta produção mais criativa. De fato, aí a necessidade de se ministrar cursos mais sistematizados faz com que a exegese e a teologia bíblica, a tradição patrística e magisterial da Igreja, a reflexão dos grandes teólogos do passado e a teologia do Concílio Vaticano II ocupem um espaço bem maior do que podemos imaginar.

Duas características determinam decisivamente, a nosso ver, a produção teológica brasileira: uma de cunho mais formal, metodológico, e outra de índole mais material, temática. A primeira pode ser descrita, de um modo geral, por uma grande *proximidade à vida concreta*; a reflexão teológica é estimulada a partir das próprias práticas transformadoras, dêem-se elas em nível de sociedade, de Igreja ou de indivíduo. A segunda tem nos *pobres* o objeto predominante desta mesma reflexão.

1. Proximidade da Teologia à realidade social e eclesial

Vejamos primeiramente como a *vizinhança com a realidade social* repercute na teologia no Brasil. Esta costuma acentuar a importância do "lugar social" do teólogo; de fato, dependendo deste lugar terá ele (ou não) contato com a fome, a pobreza, a injustiça e a violência, que lhe

dará (ou não) uma rica bagagem de experiências e de conhecimentos, decisivos para sua leitura da realidade. Mesmo que esta leitura só se faça corretamente através das Ciências do Social, sendo estas entretanto múltiplas e variadas, vai ser a experiência anterior do teólogo que norteará sua opção por um determinado instrumental sócio-analítico; o seu uso lhe fornecerá então uma determinada compreensão da sociedade, no interior da qual brotará a reflexão propriamente teológica: como crer e agir segundo o Evangelho num contexto *assim* captado e entendido? Sendo portanto toda e qualquer teologia uma teologia contextualizada, a sensibilização dos teólogos brasileiros pelos sofrimentos dos empobrecidos explica muito da produção teológica em nosso país. E esclarece também a preferência por teologias que denunciam tal situação, contribuindo para as transformações sociais exigidas pela consciência cristã. Neste contexto a opção por tais teologias, que se querem relevantes e mesmo atuantes, parece-nos correta, pois todo discurso teológico pretensamente neutro ou contrário às transformações sociais, insistentemente recomendadas por João Paulo II, presta-se sempre a ser ideologicamente usado pelos que procuram manter o "status quo". Assim podemos dizer que considerada a teologia em sua autonomia como ciência é o pluralismo teológico legítimo; considerada porém como grandeza com incidência na sociedade, pode tal pluralismo não ser, do ponto de vista cristão, pertinente. Seria de desejar, isto sim, que ao lado do fator sócio-econômico, outros componentes determinantes do triste estado atual da sociedade, como os de cunho religioso, filosófico, cultural, histórico, psicológico, etc. fossem também considerados pela teologia, o que aliás já começa a acontecer. Este fato pode explicar, ao menos em parte, uma maior atenção crítica, por parte de alguns teólogos, na complexa questão do uso da análise marxista da realidade, conscientes dos limites de uma tal análise para uma compreensão adequada da realidade em todas as suas dimensões.

A proximidade do teólogo também se dá *com relação à Igreja*; podemos mesmo dizer que a produção teológica mais criativa em nosso país brota da comunidade eclesial, a proclamar e viver a salvação de Jesus Cristo nesta sociedade instável, inquieta, sujeita a rápidas mudanças e novas problemáticas. Tudo isto repercute nas práticas pastorais da Igreja que procura enfrentar tais desafios. A teologia é então chamada pelos bispos, seja para articular teoricamente os elementos diversos e novos, constitutivos de uma situação, seja para refletir, em maior nível crítico, sobre o discurso religioso, vivencial, sapiencial dos próprios fiéis, primeira resposta na fé à situação dada. É portanto uma teologia a serviço do magistério episcopal, confrontado com uma sociedade em permanente transformação. Em nosso país, e mesmo na América Latina, a

dimensão comunitária da elaboração teológica é patente.

O contato estreito com: uma sociedade que pede mudanças, e com as práticas pastorais transformadoras da Igreja, levou gradualmente a teologia a refletir sobre o modo correto de "ser-cristão" neste contexto. Depois de séculos de separação, nefasta para ambas, voltam-se a unir teologia e espiritualidade, evocando a unidade insuperável da época patrística. Na atual produção teológica resulta difícil identificar uma ou outra, já que sua temática é comum: ambas inspiram-se na opção pelos pobres, exigem vida comprometida para a experiência de Deus, valorizam a "práxis" de Jesus, invocam um Deus voltado para a história e querendo a vida do homem, procuram articular mística e ação política, retomam e reinterpretam temas clássicos da espiritualidade como a conversão espiritual, a oração, o seguimento de Cristo, a purificação da entrega, o discernimento espiritual.

Realmente a primeira característica por nós apontada confere à nossa teologia não só originalidade e força criativa, mas sobretudo fecundidade e irradiação pastoral. Também daí se explica o espaço dado às Ciências do Social, como a ênfase no compromisso eclesial e no agir cristão, típicos desta teologia. Esta mesma proximidade a um contexto completo e em contínua mutação tem também o seu preço: é uma teologia pouco sistematizada, fragmentária, necessitada de uma fundamentação antropológica mais sólida, e carente de debates de nível.

2. Preocupação prioritária com os empobrecidos

A segunda característica, embora intimamente implicada na anterior, é de ordem mais temática, e consiste no fato de os *pobres* emergirem como tema e ótica teológica. Deve-se primeiramente mencionar aqui todo o debate em torno da *opção pelos pobres*, que levou luz aos mal-entendidos e moderação às formulações. Hoje sabemos que não é uma opção exclusiva na pastoral da Igreja; que não é uma opção por uma classe social, pois o termo "pobre" inclui e transcende uma classe social; que não significa luta de classes, e sim luta contra todos os fatores que geram a multidão de empobrecidos em nosso país. A opção pelos pobres implica, isto sim, um pôr-se com o pobres, que vai determinar internamente a experiência de fé, a vivência cristã, e conseqüentemente sua compreensão e formulação teológicas. Este pôr-se com os pobres significa não só que estes são a meta da ação pastoral da Igreja e objeto da reflexão teológica, mas também sujeitos das transformações pedidas pelo Evangelho e membros ativos da comunidade eclesial; como tais passam a ser, como vem se dando, respeitados em sua concepção de vida e sua sabedoria popular, bem como valorizados teologicamente nas expressões e ritos próprios de sua religiosidade. Podemos

mesmo dizer que a tomada de consciência crescente por parte da Igreja, de que os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho e da revelação, está tendo repercussão decisiva na reflexão teológica.

Para começar, a noção fundamental de *reino de Deus* com toda a sua riqueza escriturística, irredutível a uma leitura espiritualista ou individualista, proclamado nas palavras e atos de Jesus como reino para os pobres, adquire uma importância única para os tratados sobre Deus, Cristo, Igreja, Graça. *Deus* aí aparece sobretudo como o Pai que ama preferencialmente os pobres e os indefesos, como o Deus que quer que o homem viva e que intervém na história em favor dos oprimidos, superando-se assim uma concepção jurídica ou fatalista de Deus. A *Cristologia* aponta para a entrega de Jesus ao Pai no compromisso pelo reino, sua ação pelos mais necessitados numa sociedade conflitiva, os fatores históricos que determinaram sua paixão e morte de cruz. A *Eclesiologia* reflete sobre as Comunidades Eclesiais de Base, como maneira nova de ser Igreja entre os pobres, marcada por uma íntima articulação entre vida e fé, caminhada histórica de libertação e Palavra de Deus. A evolução das CEBs no Brasil vem sendo acompanhada de perto pelos teólogos, de modo especial por ocasião dos Encontros Intereclesiais. A temática eclesiológica apresenta-se bastante variada: a eclesialidade das CEBs, sua articulação com as outras comunidades eclesiais, a noção teológica de povo de Deus, o perigo de uma eclesiologia excessivamente sociológica, a maior participação de todos na Igreja e conseqüentemente a questão dos ministérios não-ordenados nas CEBs; mais recentemente as atividades político-partidárias de membros da comunidade com as tensões e os desafios que aí surgem. A teologia da *Graça* faz emergir as implicações sócio-políticas da salvação cristã, seu caráter gratuito e transcendente, vê na luta pela justiça um fator intrínseco da própria caridade, reflete a ação de Deus e a resposta do homem dando-se no interior da história e conclui que a salvação de Jesus Cristo hoje na América Latina passa necessariamente pelo pobre. A ação do Espírito Santo, portanto, se dá em função do reino de Deus, conseqüentemente voltada para a libertação dos pobres, e a própria Santíssima Trindade, na comunhão infinitamente perfeita das "pessoas", aponta-nos a utopia cristã da sociedade humana. Na teologia dos *sacramentos* enfatiza-se o vínculo estreito entre sacramento e vida, não só no indivíduo como também na comunidade; são vistos, portanto, como celebrações da vida da comunidade, de suas vitórias e sofrimentos, na caminhada para o Pai; celebrações por conseguinte do mistério pascal realizando-se na comunidade. Também a *Escatologia* relaciona mais história e eternidade, destino do indivíduo e construção da sociedade. Na mesma linha se apresenta a teologia da *vida religiosa*, na qual a experiência de Deus, a vivência eclesial, os votos e a

vida comunitária refletem a proximidade com os mais pobres e o compromisso pela sua libertação. Deve-se observar contudo que sobre as *religiões não-cristãs*, cuja presença ultimamente começa a se fazer sentir no Brasil, não se dispõem ainda de uma reflexão teológica nascida em nosso contexto. Mesmo o diálogo com as *outras confissões cristãs* se realiza mais na colaboração efetiva na solidariedade com os mais pobres do que nas discussões e elaborações teóricas.

O que se passou com a Teologia Sistemática repete-se na *Teologia Bíblica*; também aí a ótica dos empobrecidos aparece como uma autêntica hermenêutica dos Livros Sagrados, levada a cabo em diversos centros de produção de comentários bíblicos. A tradicional interpretação histórico-apologética procurava valorizar os textos que fundamentavam teses dogmáticas ou morais, e a conhecida interpretação histórico-crítica os via como testemunhos de uma experiência histórica de fé javista ou cristã. Hoje, em nosso país, busca-se liberar o potencial pleno do texto bíblico, fazendo emergir o contexto sociológico no qual surgiu. Com isto os pobres, também esmagados por uma sociedade injusta, podem experimentar ressonâncias novas no confronto entre vida concreta e Palavra de Deus, confirmando e fortalecendo sua fé à luz dos textos sagrados. Esta hermenêutica deve contudo saber equilibrar a dimensão social com as outras, também presentes na Escritura, e de modo algum pode ela prescindir da exegese científica; no fundo é uma interpretação tão exigente como as demais que a precederam. De fato este equilíbrio está sendo diversamente alcançado pelas diferentes entidades bíblicas, sendo que, em várias delas, o trabalho é realizado ecumenicamente com colaboradores de certas confissões protestantes, graças à opção comum pelos pobres. Sem dúvida alguma este setor teológico é o mais rico, original e de maior influência pastoral da Igreja no Brasil.

A *Teologia Moral* reflete de um lado a problemática européia e norte-americana de uma moral personalista no contexto da modernidade (ecologia, bioética, sexualidade, etc.); de outro, dá-se conta de que a teologia da libertação, explicitando a dimensão ética de toda teologia, tematiza já os itens básicos de uma Moral Social. Lamentamos, neste contexto, que a Doutrina Social da Igreja não seja estudada e divulgada em nosso país como exige sua importância e merece sua riqueza. A Teologia Moral percebe como tarefa sua repensar os temas também da Moral Fundamental e da Moral da Pessoa, a partir da ótica dos pobres. Dois sintomas, a título de exemplo, que confirmam esta percepção. O moralista sente-se hoje questionado pela distância entre a moral oficial, ensinada nos institutos e nos seminários, e a moral do povo simples, com os valores que, de fato, norteiam o seu agir; ele também toma consciência de que os problemas morais reais dos pobres, em seu penível

contexto de vida, não foram ainda objeto de uma séria reflexão teológico-moral, como se deu e se dá com os problemas da classe média.

Da mesma raiz nasce também a preocupação dos teólogos dedicados à *Liturgia*. No momento estuda-se a questão da linguagem litúrgica, em boa parte inacessível à maioria do nosso povo simples (e mesmo à classe média mais secularizada); outro tema analisado é o estilo litúrgico das CEBs com maior participação dos leigos; além disso aparecem como tarefas urgentes, seja a integração na liturgia da religiosidade popular, seja a formação litúrgica dos agentes de pastoral, que não seja apenas teórica e acadêmica. Ainda na mesma linha vão as publicações sobre a *História da Igreja* na América Latina e no Brasil, vista a partir dos pobres e dos oprimidos, embora de desigual valor científico; este é um campo de grande importância, que deveria receber maior atenção da Igreja. Já o *Direito Canônico*, sem apresentar ainda uma orientação própria, nos ofereceu nestes últimos anos obras sérias, escritas no Brasil.

Ultimamente percebeu-se que entre os pobres estavam todos os grupos oprimidos e marginalizados na sociedade como os negros, os índios e as mulheres. O *negro* como tal não foi ainda objeto de uma reflexão teológica, mas o negro enquanto homem religioso, enquanto participante dos cultos afro-brasileiros já começa a aflorar na produção teológica, tarefa aliás bem complexa pelas características fortemente sincretistas destas religiões em nosso país. Como o negro, também o *índio* revela a insuficiência da análise sócio-econômica que ignore a componente étnica; de fato, mesmo tornado pobre (pois não o era em seu habitat e em sua cultura) pela sociedade capitalista que o priva de suas terras, ele conserva sua alteridade étnica e cultural. Numa evangelização esta não deveria ser nem destruída, nem idealizada, nem ignorada, mas respeitada, o que significa um verdadeiro trabalho teológico de inculturação da fé, tarefa esta dificultada por se tratar de uma cultura bastante primitiva. Ainda incipiente é a presença da *mulher* no mundo teológico em nosso país. Como tema de reflexão não brota, como se dá no Primeiro Mundo, das reivindicações dos movimentos feministas, na sociedade e na Igreja. Escreve-se sobre a mulher das classes populares, vista como duplamente oprimida. Vários encontros de teólogas demonstram que estas, no Brasil, querem simplesmente fazer teologia e contribuir assim para uma expressão mais adequada, porque não só masculina, da fé cristã.

Não podemos deixar de mencionar ainda a gigantesca produção de material para o círculos bíblicos e a liturgia; proveniente das CEBs e refletindo a vida do povo à luz da fé, sua apresentação simples e despojada contrasta com sua enorme penetração.

Observa-se também em nosso país a existência de diversos movi-

mentos em crescente expansão, entre os quais alguns limitam-se a uma leitura fundamentalista da Escritura ou apresentam escassa preocupação social. Um juízo teológico sobre este fenômeno não nos parece ainda maduro. Respondem eles a necessidades autênticas do homem, não valorizadas pela pastoral e teologia mais difundidas, ou buscam simplesmente satisfazer, num contexto religioso, carências humanas de ordem afetiva, material, comunitária, etc.?

A vitalidade teológica atual no Brasil faz-se notar também pelas novas associações, nascidas nos últimos anos: Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER), Sociedade Brasileira de Teologia Moral (já com dez anos de vida), Sociedade Brasileira de Canonistas (fundada no ano passado); em seguida pelos freqüentes encontros de teólogos dos vários setores, pela colaboração com a Comissão Episcopal de Doutrina e com o Instituto Nacional de Pastoral. O Brasil conta já com três Faculdades de Teologia, que oferecem cursos de pós-graduação; merece ainda destaque a publicação crescente em nosso país de teses teológicas defendidas aqui ou no exterior.

III. DESAFIOS PARA A TEOLOGIA NO BRASIL

Se fôssemos olhar as tarefas fundamentais da teologia nos próximos anos, uma delas sobressai, em nossa opinião, pela sua importância e urgência. Numa sociedade em vertiginoso processo de modernização e rápido crescimento da população urbana, aumenta cada dia a já enorme massa de brasileiros atingidos pela secularização que, sem renegar sua fé, vivem, de fato, indiferentes ao discurso e às práticas da Igreja. Constituída predominantemente pela classe média, média baixa e operariado urbano, vai gradativamente conquistando a população rural através dos meios de comunicação. Caracteriza-se sobretudo por uma mentalidade individualista, que atravessa igualmente classes e grupos sociais. A teologia entrou pouco nesta cultura moderna; voltada, e com razão, para a reserva de fé que constituem as massas empobrecidas num contexto de pré-modernidade, corre contudo o risco de perdê-las para a sociedade de consumo, que as coopta assim que entram ativamente no processo produtivo da sociedade capitalista. Como viver o ethos da solidariedade neste contexto é o desafio lançado hoje à Igreja e à teologia. Para isso é preciso conhecê-lo, conviver com seus valores e desvalores, sofrer seus condicionamentos, preconceitos e ideologias, sentir a força concupiscente de seu individualismo, elaborar um discurso realista com mediações concretas; caso contrário a Igreja irá se afastando cada vez mais da sociedade. Além disso todo o potencial de vários setores das classes mais cultas, e que pode e deve ser utilizado para a transformação da socieda-

de, permanece quase inexplorado. É importante também que o clero receba uma formação séria, que o capacite a trabalhar pastoralmente neste contexto.

☆☆☆

Termino com um apelo, apelo por compreensão e apoio. Não é fácil refletir, produzir e ensinar teologia em nosso país, como também, julgo eu, não é fácil ser bispo no Brasil. Temos em torno de 80 estabelecimentos de ensino teológico, funcionando em sua grande maioria com falta de recursos materiais e humanos, bibliotecas precárias e professores improvisados. Entre os teólogos há muita dedicação, espírito de sacrifício, trabalho escondido e pouco gratificante, mesmo que o nível de produção não se iguale com o do Primeiro Mundo, e mesmo que o esforço por ajudar a Igreja em sua caminhada faça inevitavelmente surgir afirmações apressadas, parciais ou pouco matizadas. É o preço pago por toda teologia viva e apostólica, como no-lo confirma em sua grandiosidade a época patrística. Somos humanos e limitados, carentes de recursos e sobrecarregados de trabalho, mas não desertamos a missão, na alegria de servir uma Igreja viva e constantemente sacudida pela ação do Espírito.

Mário de França Miranda S.J. é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Professor de Teologia na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte, MG. Publicou: *O mistério de Deus em nossa vida* (1975); *Sacramento da Penitência: o perdão de Deus na comunidade eclesial* (1980³); *Libertados para a práxis da justiça* (1980). Todos pelas Ed. Loyola, São Paulo.

Endereço: Caixa postal 5047 — 31611 Belo Horizonte - MG